

Ayrson Heráclito, *Agué com Avivi*, 2022

EWÊ | OMÍ

CURADORIA CURATED BY
CATARINA DUNCAN

ABERTURA OPENING
23.11 17H

VISITAÇÃO VISITS
23.11.23 — 19.01.24

ADRIANO MACHADO ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA
ANA BEATRIZ ALMEIDA ANA BIA SILVA
ANA HUPE ANDRÉ VARGAS AYRSON HERÁCLITO
CHICO DA SILVA GLAUCO RODRIGUES
JOSÉ ADÁRIO JOSÉ BEZERRA
JOSÉ ANTONIO DA SILVA KEILA SANKOFA
KIKA CARVALHO MAYRA KARVALHO
MULAMBÖ PEDRO NEVES SILVANA MENDES
SIMBA ZÉ CARLOS GARCIA

RUA DONA MARIANA 137 CASA 2
BOTAFOGO - RIO DE JANEIRO
PORTASVILASECA.COM.BR
+55 21 2274 5965



PORTAS
VILASECA
GALERIA



Ayrson Heráclito. *O encontro das margens do Atlântico*, 2015 (still video)

A **Portas Vilaseca Galeria** tem o prazer de apresentar **EWÊ | OMÍ**, exposição coletiva com a curadoria de **Catarina Duncan** que reúne 37 obras de 20 artistas de diferentes gerações e linguagens, entre representados pela galeria e convidados.

Concebida a partir de duas obras do artista baiano **Ayrson Heráclito**, *'Agué com Avivi'* (2022) e *'Sacudimentos - O encontro das margens do Atlântico'* (2015), a mostra se divide em duas perspectivas: a terra e o mar.

A primeira obra retrata a entidade da nação Jeje conhecida como *Agué*, segurando sua ferramenta em uma imagem que reverencia os ancestrais do panteão da terra. Localizada no térreo da galeria, esta parte da mostra gira em torno do mundo vegetal, do poder das ervas e da medicina das folhas, honrando a terra em que pisamos.

A segunda obra é um vídeo em que o artista realiza uma limpeza energética profunda em dois pontos do Atlântico como ritual de ativação e apaziguamento de territórios coloniais. Localizada no último andar da galeria, esta seleção convoca à compreensão do mar como território de travessia, pensando a água como fonte de equilíbrio, que nutre, acalma, purifica e refresca a terra, os corpos e as cabeças. No contexto histórico da construção das diásporas, os mares assumem a função de caminho.



PORTAS VILASECA G A L E R I A

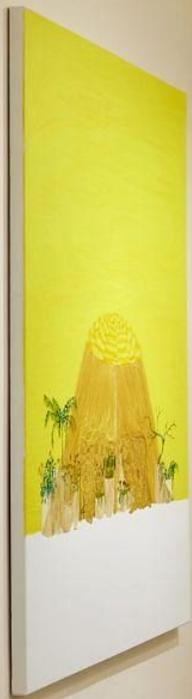
EWÊ | OMÍ

ADRIANO MACHADO ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA
ANA BEATRIZ ALMEIDA ANA BIA SILVA
ANA HUPE ANDRÉ VARGAS
AYRSON HERACLITO CHICO DA SILVA
GLAUCO RODRIGUES JOSÉ ADÁRIO
JOSÉ BEZERRA JOSÉ ANTONIO DA SILVA
KEILA SANKOFA KIKA CARVALHO
MAYRA KARVALHO MULAMBO
PEDRO NEVES SILVANA MENDES
SIMBA ZÉ CARLOS GARCIA

CURADORIA
CATARINA DUNCAN

23.11.23 — 19.01.24







AYRSON HERÁCLITO

Agué com Avivi, 2022

Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

122 x 122 cm

Edição: 2/5 + 2 PA





JOSÉ ANTONIO DA SILVA

Caçadores, 1982

Óleo sobre tela

50 x 60 cm



JOSÉ ANTONIO DA SILVA

Sem título, 1972

Óleo sobre tela

45 x 62 cm







AYRSON HERÁCLITO

Gaye com Folhas Gu, 2015

Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

195 x 110 cm

Edição: 5/5 + 2 PA





ADRIANO MACHADO

*Baratino: William com um coelho branco
e colete de obreiro da Igreja Universal, 2018*

Impressão pigmento mineral sobre papel algodão

90 x 60 cm

Edição: 1/2 PA



ADRIANO MACHADO

Baratino: William segurando buquê de flores e pano de prato, 2018

Impressão pigmento mineral sobre papel algodão

90 x 60 cm

Edição: 5/5 + 2 PA







GLAUCO RODRIGUES

América, 1978

Óleo sobre tela

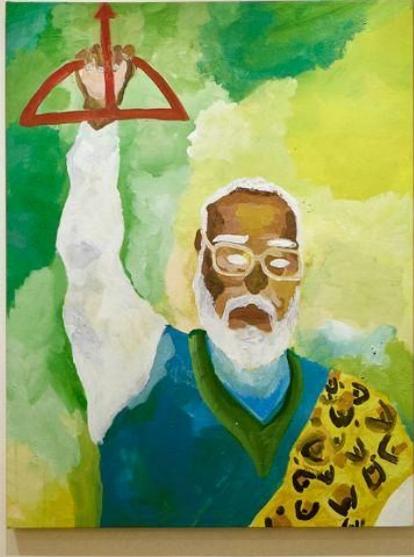
31 x 55 cm



JOSÉ BEZERRA
Sem título, 2014
Escultura em madeira
23 x 80 x 10 cm



ZÉ CARLOS GARCIA
Bruxa VI (Série "*Bruxas*"), 2023
Roxinho e madeira de poda
urbana não identificada
25 x 35 x 7 cm





KEILA SANKOFA

Sem título 3 (Série "Óculos de Okotô"), 2022

Impressão fotográfica fine art em papel Hahnemühle Photo RAG 308g

75 x 112 cm

Edição: 3/5 + 2 PA



SIMBA

Abdias, 2023

Acrílica e giz pastel sobre tela

110 x 100 cm



SIMBA

Linha de Passe, 2023

Acrílica e giz pastel sobre tela

50 x 50 cm









MAYRA KARVALHO

Corpo terra, 2023

Argamassa, barro, palha
e cabaças sobre tela

150 x 200 cm



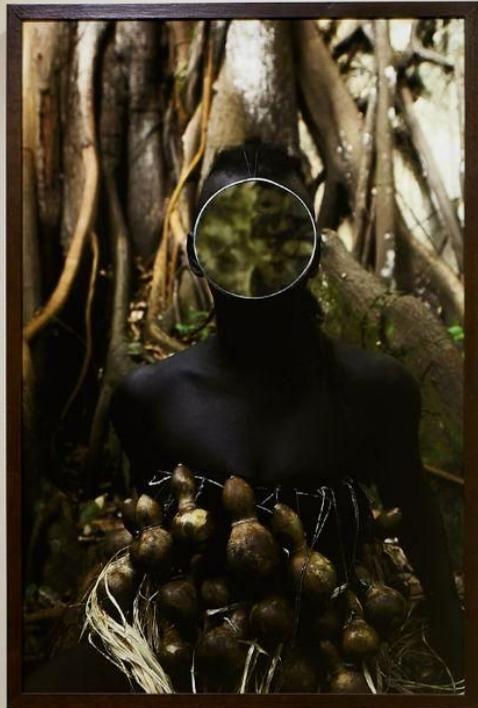


PEDRO NEVES

Beira de estrada II, 2023

Óleo sobre tela

150 x 100 cm





ANA BEATRIZ ALMEIDA

Onibode, 2021

Foto-performance impressa em papel 100% algodão

Hahnemühle Photo Rag, 308 g/m²

[Registro Fotográfico: Shai Andrade]

90 x 60 cm

Edição: 3/7

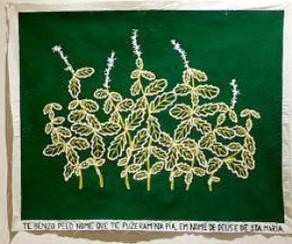


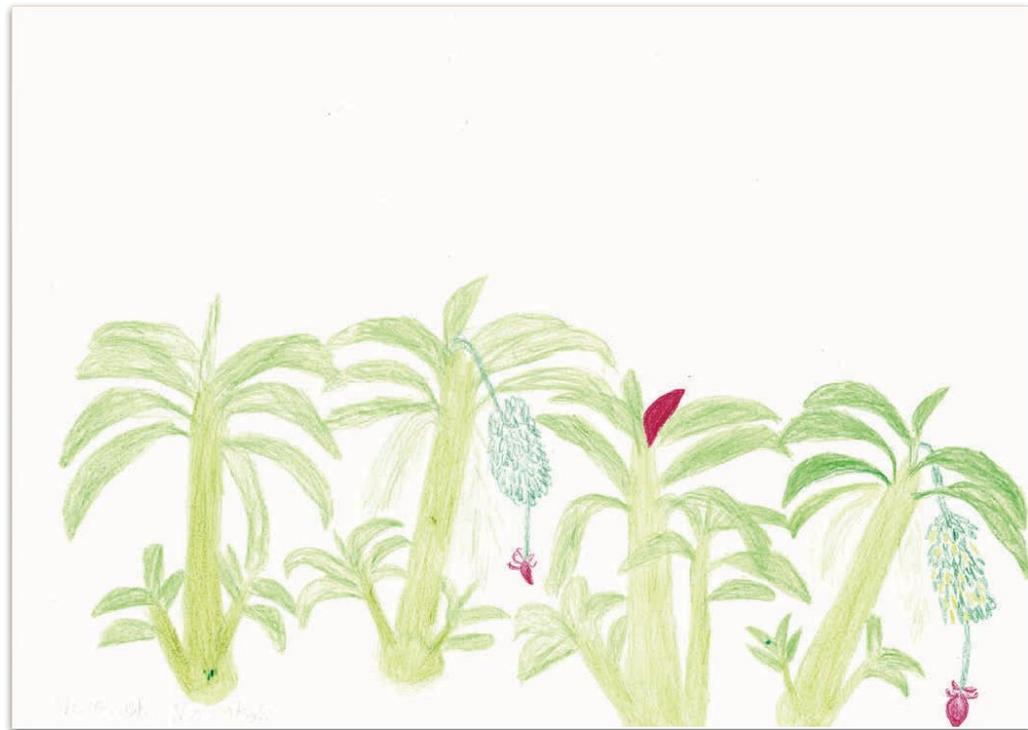
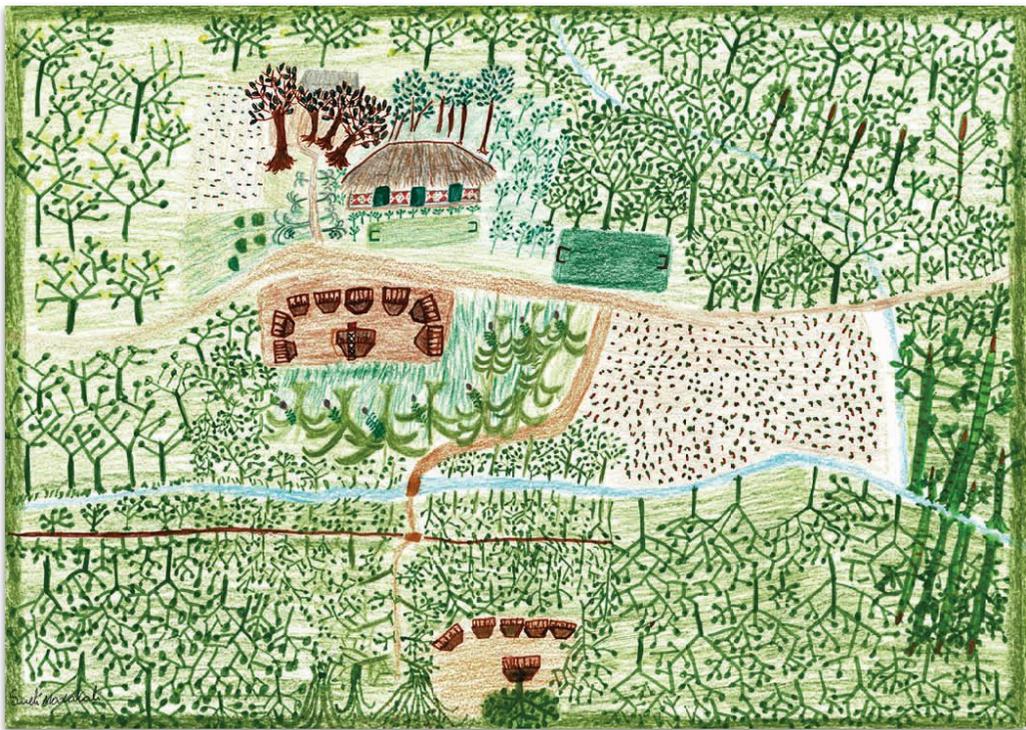
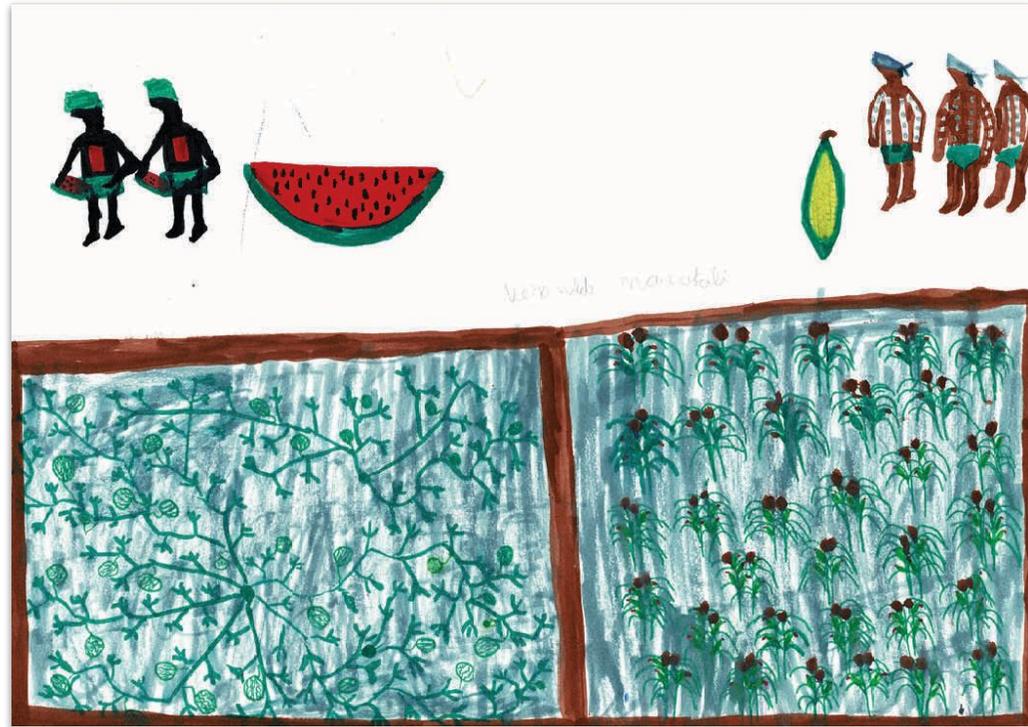
ZÉ CARLOS GARCIA

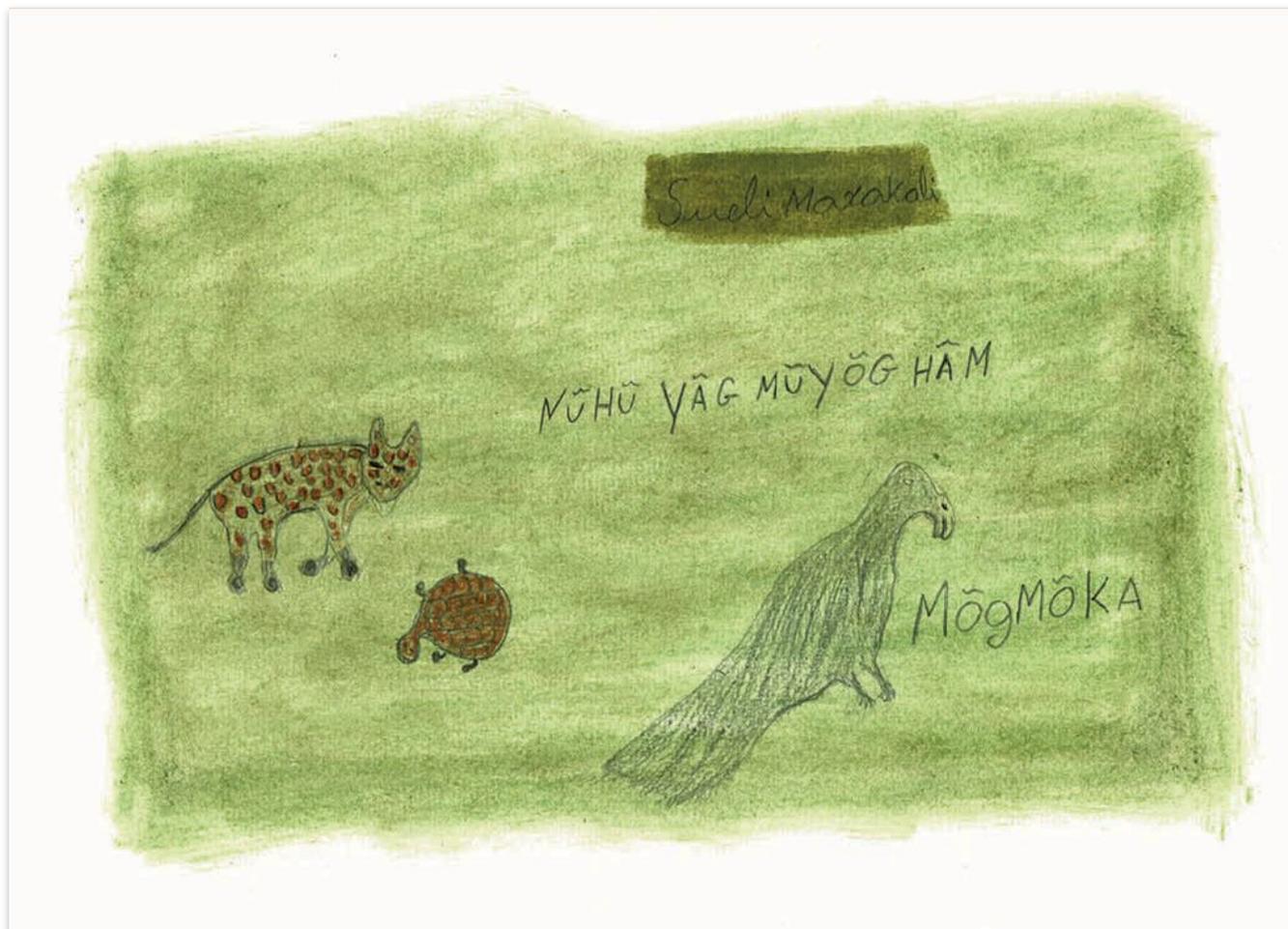
Bruxa VII (Série "*Bruxas*"), 2023

Eucalipto e roxinho

50 x 25 x 25 cm







ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA

5 desenhos sobre papel Canson A3 e A4

Realizados em 2021 durante a oficina "Cartografando a Aldeia-Escola-Floresta"

A4: 21 x 29 cm e A3: 29,7 x 42 cm (cada)



TE BENZO PELO NOME QUE TE PUZERAM NA PIA, EM NOME DE DEUS E DE STA. MARIA.



ANDRE VARGAS

Incenso, 2023

PVA sobre algodão cru

68 x 82 cm



JOSÉ ADÁRIO

Ferramenta de Ogum Ajá, 2020

Escultura em ferro e verniz

68 x 82 cm





SIMBA

Bananeira, 2023

Acrílica e giz pastel sobre tela

100 x 100 cm



ANDRE VARGAS

Não é caminho, é distância, 2021

PVA sobre tecido oxford

95 x 150 cm



6.199 Km

Ste. Antênio dos
Crioulos

Cabinda

CALUNGA GRANDE







AYRSON HERÁCLITO

Sacudimentos - O encontro das margens do Atlântico, 2015

Videoinstalação em 2 canais 8'38", full HD, cor e som

Edição: 1/8





KIKA CARVALHO

Nº 5 (Série "*Filhos d'água*"), 2022

Colagem analógica sobre papel Hahnemühle 300g

37 x 47 cm



ANA HUPE

Yemanjá e Zumbi, 2021

Fotografia impressa em jato de tinta sobre papel Hahnemühle Pearl

41,5 x 58,5 cm

Edição: 1/3 + 2 PA





MULAMBÖ
Caiçara, 2023
Acrílica sobre tela
20 x 30 cm

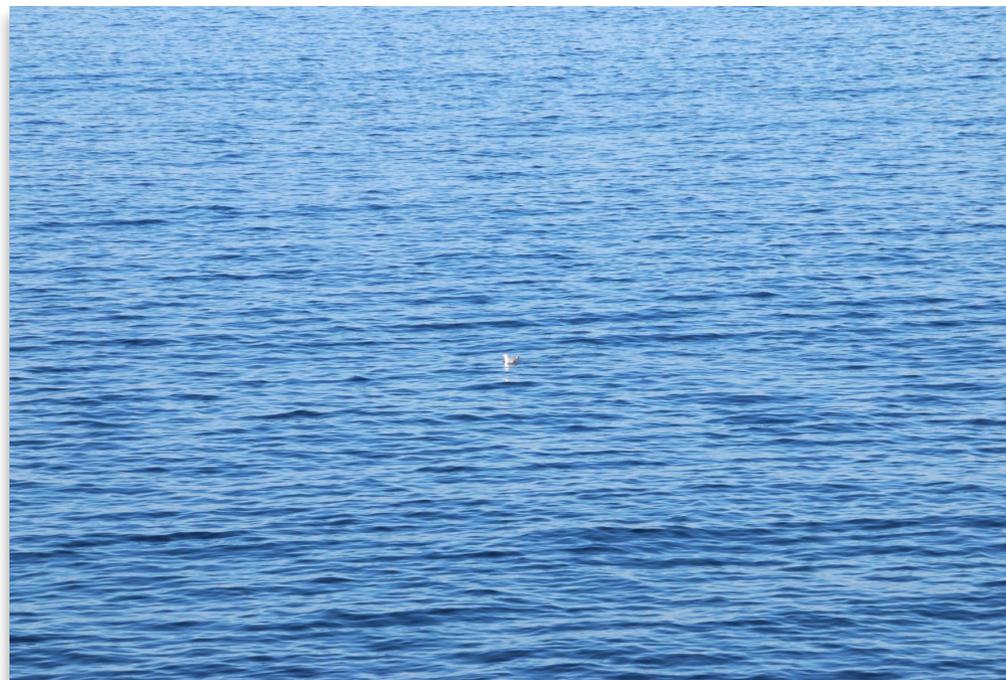


MULAMBÖ

Mar Aberto, 2023

Acrílica sobre papelão

60 x 60 cm



ANA HUPE

O mesmo mar (díptico), 2015

Impressão c-print em papel fotográfico

40 x 61 cm (cada)

Edição: 1/5







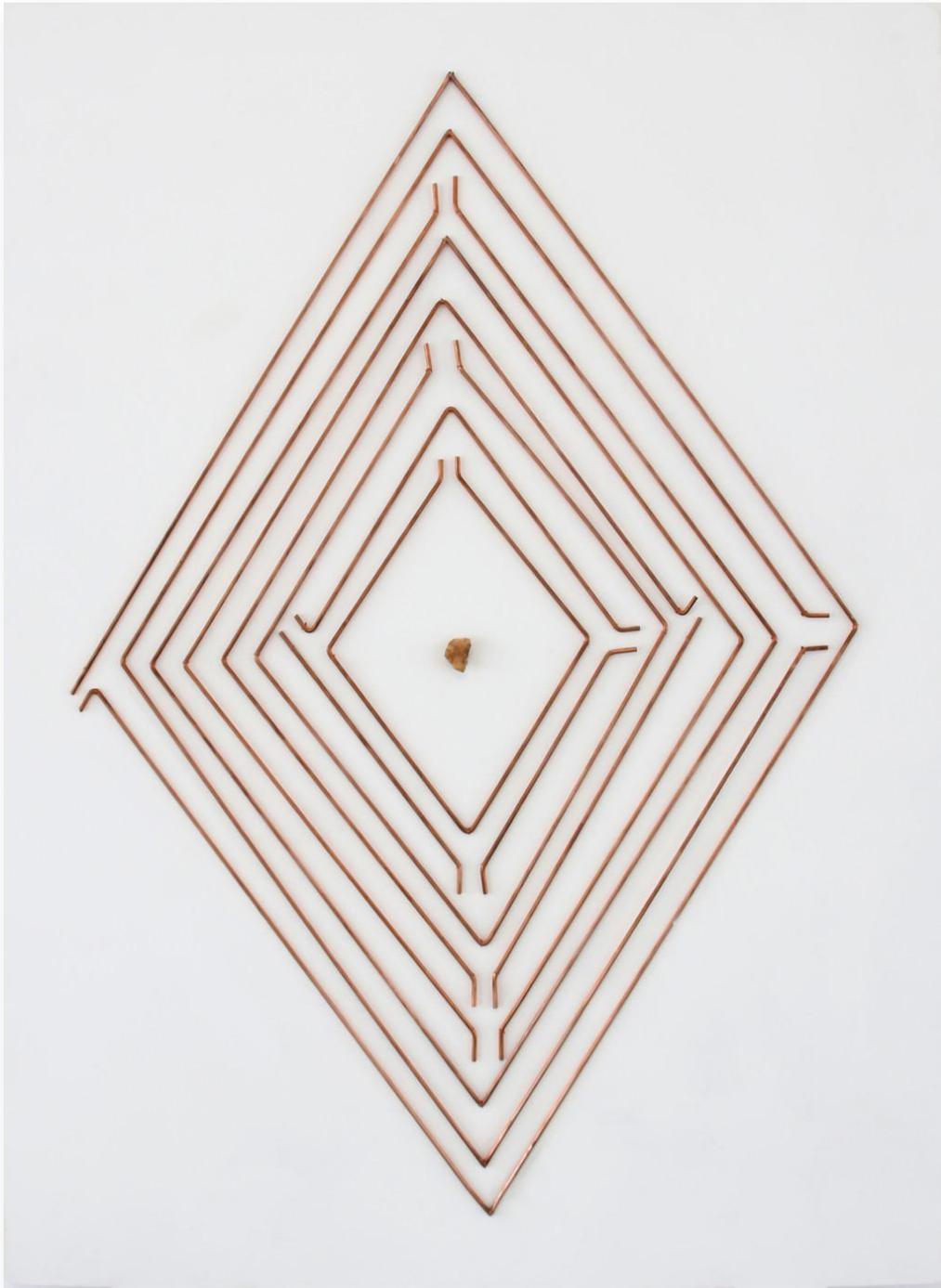
SILVANA MENDES

Afetocolagens: Reconstruindo narrativas visuais de pessoas negras na fotografia colonial - série II, 2023

Colagem digital impressa em papel Hahnemühle Photo Rag

120 x 146 cm

Edição: 1/5 + 3 PA

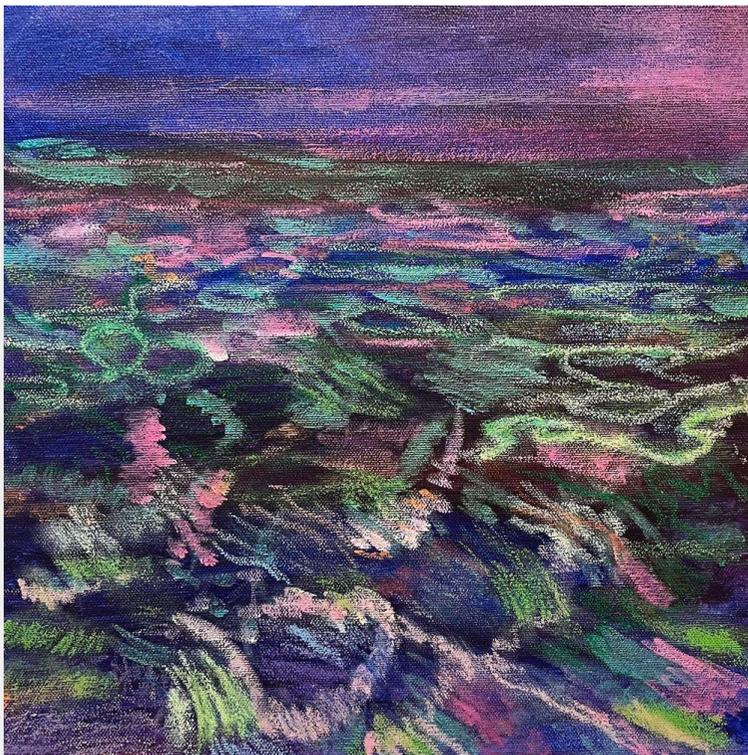


ANA HUPE

The State of living spring, 2021

Chapa de madeira, cobre e pedra do rio Osun

100 x 70 cm



KIKA CARVALHO

Abundância III, 2022

Acrílico e giz pastel sobre tela

30 x 30 cm

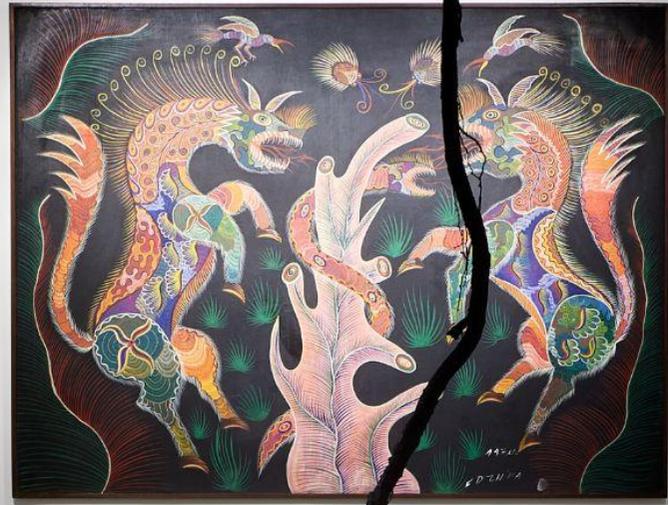


KIKA CARVALHO

Abundância II, 2022

Acrílico sobre tela

30 x 30 cm





CHICO DA SILVA
Sem título, 1970
Guache sobre tela
140 x 190 cm



ANA BIA SILVA

Norte Revolve, 2023

Instalação. Raiz, ímãs, cola PVA, limalha de ferro, tinta spray, pátina reagente, terra vermelha, madeira, MDF, motor giratório, resina, fibra de vidro e fios de cobre

Dimensões variáveis

Video: <https://vimeo.com/840202253>

TEXTO CURATORIAL



*“Sem folha não tem sonho
Sem folha não tem vida
Sem folha não tem nada.”*

Ildásio Tavares

*“a errância ou o mar
são a coisa mais perto da liberdade
que poderia experimentar.”*

Sadiya Hartman

EWÊ | OMÍ

Ewê e Omí, folha e água em Yorubá, são os elementos que nos guiaram até aqui. O poder das ervas e das matas, o fluxo marítimo e o balanço das marés se sobrepõem em uma conversa que parte de duas obras do artista baiano Ayrson Heráclito, *‘Agué com Avivi’*, 2022 e *‘Sacudimentos - O encontro das margens do Atlântico’*, 2015. As imagens produzidas por Heráclito nos ajudam a compreender questões mais amplas em torno da espiritualidade e das múltiplas perspectivas sobre a terra e o mar, a folha e a água.

Ewê se dedica ao mundo vegetal, à medicina das folhas, honrando o nosso território e as florestas. Regida por *Agué*, entidade da nação Jeje, senhor das folhas, da caça, da ciência e das ervas, que conhece o segredo da cura e o mistério da vida. Na obra de Heráclito, o *vodun* é representado segurando seu *Avivi*, aquele que ensinou o segredo das plantas.

Omí convoca à compreensão do mar como território de travessia, pensando a água como fonte de equilíbrio, aquela que nutre, acalma, purifica e refresca a terra, os corpos e as cabeças, oris. Foi pensada a partir de um vídeo de Heráclito, em que o artista realiza uma limpeza energética profunda usando uma combinação de ervas em dois pontos do Atlântico como ritual de ativação e apaziguamento de territórios coloniais. No contexto histórico da construção das diásporas, os mares assumem a função de caminho.

Cada obra presente evoca um sentido de sagrado, promovendo a sensibilidade do indivíduo para se adaptar à natureza, atravessar questões políticas estruturais e celebrar formas diversas de produzir conhecimento. O que a floresta nos ensina? Quais são as estratégias de resistência ancestral que cultivamos? Como o corpo atravessa o tempo? São algumas perguntas que surgem diante do universo encantado em exposição.

Ao lado da porta de entrada da galeria, somos recebidos com uma ferramenta de José Adário, em que o artista mistura insígnias de orixás, abrindo os caminhos a partir do encontro de *Ogum* e *Ossain*, a escultura sobrepõe os elementos desses orixás em ferro. Seguido pela obra de André Vargas, em que palavras de benzimento são descritas, trazendo uma tecnologia de cura ancestral e a sabedoria dos mais velhos. Firmando os saberes das plantas está também a obra de Pedro Neves que retrata uma barraca de ervas. Neto de feirantes, o artista desenvolveu um interesse pela feira e o mercado como espaços de troca, onde um fluxo grande de energias é movimentado.

Ao pensarmos sobre terra e território, nos aproximamos do povo da terra, originários daqui. Aldeia-Escola-Floresta é uma coletividade composta por artistas do povo Maxakali, que apresentam desenhos realizados em uma oficina sobre seus desejos para um território, onde haverá, por exemplo, viveiros de plantas, alimento, recuperação de nascentes, reflorestamento, casa de cinema, entre outros.

Ao fundo está *'Onibode'*, de Ana Beatriz Almeida - esta obra é uma representação de um Exu que negocia os caminhos entre o Orun e o Ayê, céu e terra em uma tradução simplificada. É com essa entidade que articulamos o que seremos no mundo visível, por isso seu rosto é um espelho e nos devolve aquilo que buscamos.

Em *'Corpo terra'*, Mayra Karvalho se dedica ao tempo da terra, da passagem dos dias, da aurora, e faz uma elaboração sobre o mês de agosto, em que se celebra os orixás da terra, sobretudo Obaluayê, dono da terra, coberto de palhas. As cabaças são, no candomblé, o início da vida e o lugar onde se guarda o remédio para a cura. A trama de palha é uma outra forma de se contar histórias.

Simba faz reverência ao intelectual, ator, poeta, artista e escritor Abdias Nascimento e, ao mesmo tempo, a Oxóssi. Ao retratá-lo com um Ofá nas mãos e uma pele de caça no corpo, Simba cria um híbrido e manifesta a força de Abdias como ancestral encantado a partir dos ensinamentos firmados por ele. Nas palavras do artista: *"Pintei essa homenagem a ele há algum tempo, vinha pensando muito em Oxóssi e na sua determinação, no seu isolamento nas matas, às vezes até pensava 'como será que pensa Oxóssi?'"*

Adriano Machado tem em seu trabalho *'Baratino'* uma série fotográfica que retrata a relação entre homem e animal, alude ao sacrifício, à iminência da perda da vida ou da transformação dela, em oferenda. Baratino é uma gíria baiana que significa engano, invenção, mentira, e denuncia a necropolítica instalada que ameaça esse corpo constantemente.

A ameaça ao corpo do homem negro e a ameaça à vida na terra, às matas e às florestas é a mesma, instaurada pelo projeto colonial, aqui evidente também pela obra de José Antonio da Silva. Artista do interior de São Paulo, nascido em 1909, que em suas telas retrata tanto a mata em sua essência - viva e pulsante com um caboclo de Oxóssi saudando a cachoeira - quanto um território desmatado de monocultura. Essas obras estão de frente a um outro trabalho de Heráclito, *'Gaye com folhas Gu'*, em que o corpo do homem e a relação com o poder das ervas se funde.

Observo essas obras em relação ao pensamento de Malcolm Ferdinand no livro *'Ecologia Decolonial'*, em que o autor da Martinica nos explica que *"A ecologia decolonial é uma ecologia de luta. Longe do ambientalismo da arca de Noé, que recusa o mundo e prolonga a dominação dos escravizados, trata-se de questionar as maneiras coloniais de habitar a Terra e de viver junto."* A proposta é de simbiose, de compreender o corpo como natureza e não essa separação.

Na obra de José Bezerra, o fazer artístico se manifesta com a natureza, em uma relação interespecífica. O artista pernambucano relata que suas esculturas se apresentam para ele em caminhadas pelas florestas – momentos em que as próprias árvores dizem como devem ser esculpidas para revelar sua essência. Em paralelo, Zé Carlos Garcia também trabalha a madeira para fazer surgir outros seres, bichos de seda, bruxas despontam.

A última obra que encontramos nesse andar é *'América'* (1978), do artista gaúcho Glauco Rodrigues. A manifestação alegórica dos “quatro continentes” – Ásia, América, Europa e África – é um elemento visual da arte ocidental do período colonial. A iconografia associada a cada continente está profundamente enraizada no racismo e símbolos exotizados de seus territórios. Glauco faz uma crítica e toma de volta essa imagem, criada pelo estrangeiro para enfatizar estereótipos e utilizada para defender a ideia de superioridade europeia e justificar o próprio colonialismo.

Seguimos entre perguntas e segredos que conduzem a exposição para desembocar na segunda etapa dessa pesquisa, o mar. Exercendo o caminho das águas nas matas, a vitória do rio é o mar. A travessia e a conexão. A obra de André Vargas, posicionada nas escadas da galeria, retrata uma linha cruzando o Atlântico; a *Calunga Grande* descrita na obra é para o povo Bantu a energia sutil mais completa, que habita o mar.

Em *'O mesmo mar'*, Ana Hupe endereça questões sobre a crise de migração no Mediterrâneo, visibilizando os aparatos militares de controle e guerra em territórios disputados. Kika Carvalho apresenta a série *'Filhos d'água'*, que parte da relação de pessoas conectadas com o mar por suas geografias, onde o barco se torna casa, a ilha governa. Já em suas pinturas, Carvalho estabelece um exercício abstrato sobre o imaginário coletivo do mar, a origem da vida e a possibilidade de relações intergalácticas.

Através de suas "afetocolagens", Silvana Mendes procura desconstruir as visualidades negativas e estereótipos impostos aos corpos negros no curso da história Afro-Atlântica. Essa memória é restituída e empoderada para a exaltação de beleza, conquista e realização das pessoas retratadas. Mulambö também trabalha essa reverência – a imagem de uma mulher sereia, segurando um abebé de Yemanjá, sendo saudada e celebrada neste espaço. Além da canoa saindo para o mar, evocando também a presença dos pescadores, dos que vão ao mar e retornam.

Na obra de Chico da Silva, há uma relação entre as profundezas marinhas e o céu, o imaginário e o fantástico também; sua obra refaz seres inventados e nos faz vislumbrar esse território profundo, distante e impossível que é o mar. Relacionar-se com as profundezas do mar retorna para a terra. A obra de Ana Bia Silva é um estudo sobre a potência magnética da Terra Vermelha, as coisas não estão separadas.

Retornamos à obra de Heráclito, dos encontros das margens do Atlântico, um ritual que une tempos e mundos físicos e imateriais. O poder das ervas transforma e se comunica com esses territórios, exercendo a memória, os saberes que ficam e seguem ecoando nas frestas, na oralidade, na sabedoria ancestral. O tempo no candomblé é espiralado, não linear ou contínuo. Cada volta é uma etapa perfeita, ou, nas palavras da artista Keila Sankofa sobre sua obra *'Óculos de Okotô'*, trata-se de “*um artefato arqueológico do agora, e revela a coragem de mexer em um passado que também me pertence. Me compreendendo exatamente como o futuro dos meus ancestrais. Eu agora sou futuro*”.

Catarina Duncan

Curadora

Catarina Duncan (Rio de Janeiro) atua como curadora com foco em práticas culturais e identidades territoriais da América Latina. Formada em Culturas Visuais e História da Arte pela Goldsmiths College, University of London (2010 - 2014). Atualmente, é curadora chefe do Solar dos Abacaxis. Em 2021, recebeu a bolsa de pesquisa curatorial da Fundação Patricia Phelps de Cisneros no MoMa, com o projeto *'Re-conexões territoriais'*. Integrou a equipe curatorial da 32ª Bienal de São Paulo, *'Incerteza Viva'* (2015 - 2016), do 36º Panorama de Arte Brasileira: *'SERTÃO'* (2019), do *'Pivô Arte e Pesquisa'* (2014-2015), e da exposição *'Terra Comunal Marina Abramovic'*, no Sesc Pompéia (2015).

Foi curadora da programação pública da obra *'Cura Bra Cura Té'* de Ernesto Neto, na Pinacoteca de São Paulo (2019) e da *'Plataforma Crítica'*, na Oficina Brennand (2020). Foi representante do projeto *'Terceiro Paraíso'*, de Michelangelo Pistoletto, na América Latina (2019 - 2021) e do programa *'COINCIDÊNCIA'*, da Fundação Suíça Pro Helvetia (2017 - 2020). Participou das residências artísticas *'Casa da Escada Colorida'* no Rio de Janeiro (2022); *'Arafura'*, no México (2021); *'Residents Art Dubai'* (2019); *'Lastro Travessias Ocultas'*, na Bolívia (2016-2017); e *'Lastro Centro América'*, na Guatemala (2015-2016). Assinou a curadoria das exposições *'A Desviante'*, de Regina Parra, na Galeria Jaqueline Martins, em Bruxelas (2022); *'Seiva'*, na C. Galeria (2022); *'Jardim Novas Mucosas'*, de Diambe, na Quadra (2022); *'A Construção'* (2020) e *'Somos Muitxs'* (2018), com Bernardo Mosqueira e *'Re-conhecimento'* (2019), com Denilson Baniwa, no Solar dos Abacaxis; *'dos nossos espaços vazios internos'* (2019), de Gretta Sarfaty, na Central Galeria; a coletiva *'⊙'* (2018), na Galeria Leme; entre outras.



BIO ARTISTAS

ADRIANO MACHADO

1986, Feira de Santana, BA

Vive e trabalha entre Feira de Santana e Alagoinhas, BA

Doutorando em Artes Visuais pela UFBA, desenvolve projetos artísticos em fotografia, vídeo e objetos que discutem questões de território, identidade, memória e confiança. Investiga a condição humana entre os espaços de convivência e os territórios afro-inventivos. Participou de exposições nacionais e internacionais como a Bienal de Dakar (Senegal, 2022); 31º Programa de Exposições do CCSP, (São Paulo 2021) entre outras. Residências artísticas recentes incluem: Latitude AIR (Chicago, EUA, 2022); Pivô Pesquisa (São Paulo, 2020). Indicado ao Prêmio PIPA 2021; recebeu o Prêmio-Aquisição no Circuito de Arte Latino-americana (Porto Alegre, 2022); Prêmio Salões de Artes Visuais da Bahia (2013) e menções especiais (2014 e 2011); Prêmio Funarte de Residências Artísticas (2019).

ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA

Minas Gerais

Localizado no Vale do Mucuri, no estado de Minas Gerais, é um espaço de troca de saberes, reflorestamento, recuperação de nascentes, oficinas de arte e cinema Idealizado pelo casal de professores, artistas e cineastas Sueli e Isael Maxakali, que junto a uma comunidade de lideranças locais e apoiadores lutam pela demarcação das terras e preservação da cultura dos Tikmũ'ũn, mais conhecidos como Maxakali, habitantes milenares das florestas que cobriam o leste do atual estado de Minas Gerais.

ANA BIA SILVA

2000, Rio de Janeiro, RJ

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

O trabalho da artista se baseia em pensar a terra e construir reflexões sobre as relações culturais e exploratórias que os sistemas estabelecem, e como essas relações se sucedem nas associações interdependentes da natureza, dos povos e dos outros sistemas de vida que compartilham dessa terra. Apropriando-se de técnicas tradicionais e experimentais e relacionando os materiais naturais e industriais, em que a experimentação é parte inerente do processo, a artista utiliza de conceitos históricos, científicos e afetivos para desenvolver simbioses possíveis com elementos inerentemente conectados, ascendendo com isso questões políticas, culturais, sociais e ecológicas.

ANA BEATRIZ ALMEIDA

1987, Niterói, RJ

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Artista visual e mestre em História e Estética da Arte pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP). Seu trabalho está centrado na diáspora e nas manifestações africanas. É curadora e co-fundadora da plataforma de arte 01.01. Também atua como consultora curatorial do MAC-Niterói. Como artista, desenvolveu ritos em homenagem àqueles que não conseguiram sobreviver à jornada atlântica do comércio de escravizados. Sua técnica N'Gomku foi desenvolvida durante os cinco anos de pesquisa pela UNESCO sobre as tradições das comunidades afro-brasileiras do Baba Egum e da Irmandade da Boa Morte. Já realizou performances no Centro Cultural São Paulo, Itaú Cultural, SESC Ipiranga, Casa de Cultura da Brasilândia e na Bienal do Recôncavo (Bahia). Lecionou cursos de verão de sua técnica de performance na Goldsmiths University, em Londres, e participou da Residência *Can Serrat*, em Barcelona, Espanha. Já participou de residências curatoriais em em Gana, Togo, Benin e Nigéria. Sua obra faz parte da coleção permanente do Inhotim, em Brumadinho. É representada pela Galeria Verve.

ANA HUPE

1983, Rio de Janeiro, RJ

Vive e trabalha em Berlim, Alemanha

Doutora em Belas Artes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016), tendo pesquisado por um ano na Udk Berlin. Atualmente, é pesquisadora de História da Arte no Burg Giebichenstein Kunsthochschule Halle. Dedica seu trabalho artístico ao resgate de histórias ocultas de resistência, reescritas em instalações com narrativas múltiplas, construindo contra memórias de arquivos coloniais. Trabalha com diversas técnicas, entre elas, mídia baseada em lentes, textos, gravura e escultura. Participou de exposições coletivas em diversos locais: RAI (Lagos, Nigéria); Savvy Contemporary (Berlim); M_Bassy (Hamburgo); Haus am Kleistpark (Berlim); CCSP (São Paulo); MAM (Rio de Janeiro e São Paulo) e fez exposições individuais em instituições como Galerie Bernau (Bernau by Berlin); Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, FUNDAJ, Recife, Paço das Artes, MIS (Museu do Som e Imagem, São Paulo). Participou de diversas residências, como: *Artista x Artista* (Cuba, 2019); *Instituto Goethe Vila Sul* (Brasil, 2018); *Kunstquartier Lofoten* (Noruega, 2016); *La Ene* (Buenos Aires, 2013) e atualmente continua a pesquisa de seu livro "*Notas de rodapé para cartografias triangulares*", publicado em 2023 pela K Verlag, Berlim. Suas obras estão nas coleções públicas da ESCALA (Essex Contemporary Art Latin America, Reino Unido), Museu de Arte Moderna, MAM- Rio de Janeiro; Museu de Arte do Rio, MAR; IPHAN - RJ (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasil).

ANDRÉ VARGAS

1986, Cabo Frio, RJ

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

É artista visual, poeta, compositor e educador. Trabalha na retomada de sua ancestralidade como forma de entender as bases das culturas linguísticas, religiosas, históricas e estéticas da brasilidade em que se insere, tendo a cultura popular como a maior indicação desse fundamento. Os subúrbios, os interiores e os demais lugares de memória pessoal e coletiva que contornam essa ancestralidade apresentam-se como ponto de partida empírico de suas postulações conceituais. Graduando em Filosofia pela UFRJ, Vargas questiona as hegemonias historiográficas ao recontar a sua própria história familiar, valendo-se das forças religiosas que reconduzem à afrocentricidade de seus gestos. A voz, a evocação e a conversa produzem dobras sobre os sentidos de seus trabalhos através da conjugação entre palavra e imagem. Nesse caminho, a constante presença da ausência reafirma um infinito de possibilidades, em que qualquer certeza sobre sagrado e profano escapa pela graça. É representado pela Galeria Vermelho.

AYRSON HERÁCLITO

1968, Macaúbas, BA

Vive e trabalha entre Cachoeira e Salvador, BA

Artista visual, curador e professor cuja pesquisa se concentra em elementos da cultura afro-brasileira e suas conexões entre a África e a diáspora nas Américas. Suas obras transitam pela instalação, performance, fotografia e vídeo. Heráclito atravessa a história da arte e exerce uma compreensão atualizada da condição espiritual da arte em contato com forças ancestrais, em conexão com o invisível. Refletindo sobre um passado colonial e genocida, torna-se um dos artistas mais significativos do Brasil na elaboração de rituais de cura. Entre as suas exposições individuais mais recentes, destacamos a aclamada “YORÚBÁIANO” (2021-2022), realizada no Museu de Arte do Rio - MAR e na Pinacoteca de São Paulo, ambas com a curadoria de Marcelo Campos; e “*Senhor dos Caminhos*” (2018), no Museu de Arte Contemporânea (MAC - Niterói), com curadoria de Pablo León de la Barra e Raphael Fonseca. Nos últimos anos, o artista tem participado de relevantes exposições coletivas e bienais, entre as quais destacamos: “35ª Bienal de São Paulo” (2023), para a qual desenvolveu a obra comissionada “*Floresta de Infinitos*”; “*Hot Spot - Caring for a burning world*” (2023), Galleria Nazionale de Roma, Roma, Itália; “*Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*” (2021-2023), Instituto Moreira Sales, São Paulo e MAR- Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro; “*Ekstase*” (2018), no Kunstmuseum, Stuttgart, Alemanha; “*57ª Bienal de Veneza*” (2017), Veneza, Itália; “*Terra Comunal / Marina Abramovic + MAI*” (2015), Sesc Pompeia, São Paulo; “*Arte Contemporânea Afro-Brasileira, Europalia.Brasil*” (2012), Bruxelas, Bélgica; “*Trienal de Luanda*”, Angola (2010); entre outras. Heráclito foi também um dos curadores da premiada exposição “*Histórias Afro-Atlânticas*” (2018), que aconteceu no MASP e no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. Em 2012, recebeu um prêmio do Sesc-Videobrasil e da Raw Material Company, por participar de um programa de residência artística em Dakar, Senegal.

CHICO DA SILVA

1910, Alto Tejo, AC - 1985, Fortaleza, CE

Foi desenhista e pintor, considerado um dos principais artistas autodidatas do Brasil na segunda metade do século XX. Seus trabalhos consistem em composições figurativas fabulares que apresentam seres mitológicos, animais fantásticos e personagens preenchidos por pontilhismo e fundos amplamente trabalhados. Por volta de 1963, passa a trabalhar com auxílio de ajudantes, inicialmente crianças e adolescentes do seu bairro – na periferia de Fortaleza. Enquanto ensinava suas técnicas para esses jovens, o artista incorporava sugestões e métodos trazidos por eles. Nascia daí o “*Ateliê do Pirambu*”, espaço de produção de obras desenvolvidas em parceria e coordenada pelo mestre. Além da fundação do Ateliê, Da Silva participou de importantes mostras, como a Bienal de São Paulo em 1967, e teve três trabalhos agraciados com menção honrosa na Bienal de Veneza, em 1966. Entre a última década de exposições individuais do artista em vida, destacam-se mostras nas galerias Querino, Salvador, BA (1965), Gemini, Rio de Janeiro, RJ (1967) e A Galeria, São Paulo, SP (1967). Em 1989, aconteceu a exposição “*Retrospectiva Chico da Silva: Do Delírio ao Dilúvio*”, no Espaço Cultural do Palácio da Abolição, em Fortaleza, CE. Em 2023, a Pinacoteca de São Paulo apresenta a primeira grande mostra panorâmica do artista, “*Chico da Silva e o ateliê do Pirambu*”, reunindo um conjunto de importantes obras da sua trajetória, como “Caboclo peruano”, parte do singular grupo de desenhos realizados entre 1943 e 1944, emprestados da coleção da Pinacoteca do Ceará.

GLAUCO RODRIGUES

1929, Bagé, RS - 2004, Rio de Janeiro, RJ

Pintor, desenhista, gravador, ilustrador, cenógrafo. Com afiado senso de humor, retrata elementos característicos da cultura nacional para questionar estereótipos e explorar a complexidade da história brasileira. Começou a pintar em 1945, e expôs pela primeira vez em 1948, na mostra que ficou conhecida como *Os Novos de Bagé*, nome dado pela imprensa de Porto Alegre, onde frequentava a Escola de Belas-Artes. Logo depois transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde estudou na Escola Nacional de Belas Artes. Voltando a Porto Alegre, criou o *Clube da Gravura de Porto Alegre* e o *Clube da Gravura de Bagé*, em 1950, juntamente com Carlos Scliar, Glênio Bianchetti, Danúbio Gonçalves e Vasco Prado. De volta ao Rio no final da década, iniciou-se na carreira de ilustrador. Em 1960, participou do IX Salão Nacional de Arte Moderna, quando obteve o prêmio de viagem ao exterior. Participou da Bienal de Paris em 1961 e, no ano seguinte, viajou para Roma, onde permaneceu até 1965. Realizou exposições individuais em Munique, Stuttgart e Frankfurt. Em Roma, em 1963, expôs na Galeria d'Arte della Casa do Brasil e, em 1964, participou da XXXII Bienal de Veneza. Em 1967, foi premiado na IX Bienal Internacional de Arte de São Paulo.

JOSÉ ADÁRIO

1947, Salvador, BA

Vive e trabalha em Salvador, BA

Nasceu no bairro de Caixa d'Água, Salvador, Bahia. Aos 11 anos de idade, iniciou-se no ofício de ferreiro de santo com o seu mestre e mentor Maximiano Prates. Desde então, fabrica portões, agogôs e ferramentas de santo: instrumentos de percussão e esculturas de ferro que operam uma espécie de mediação entre os homens e os deuses no candomblé. Pela originalidade e consistência de seus objetos, José Adário passou a ser não só o escultor-ferreiro mais celebrado dos terreiros de candomblé da Bahia, mas um artista reconhecido por honrar as raízes afro-diaspóricas que povoam a cultura de sua região. Baseado nos costumes do candomblé, nos cânones da arte lorubá e nas diferentes expressões possibilitadas pelo ferro, Adário produz esculturas que percorrem terreiros, museus, coleções e galerias, dando vida a entidades sagradas e dialogando com a potência férrea de seus ancestrais e de Ogum, aquele que rege seu trabalho. Entre as suas principais exposições estão: *Alagbedé - O Ferreiro dos Orixás*, Arco 26, Salvador, 2021; *A Cidade da Bahia, das baianas e dos baianos também*, Museu Afro Brasil, São Paulo, 2019; *Axé Bahia: the power of art in an Afro-Brazilian metropolis*, Fowler Museum, Califórnia, 2018; *Afrikanische Religiosität in Brasilien*; Kunst und Afro-Brasilidad, Frankfurter Kunstverein, Frankfurt, 1994. Oito de suas esculturas fazem parte do acervo do Museu Afro Brasil, em São Paulo.

JOSÉ ANTONIO DA SILVA

1909, Sales de Oliveira, SP - 1996, São Paulo, SP

Nascido no interior de São Paulo e filho do carreiro de bois, só aos 37 anos de idade começou a ter espaço para criar. Antes disso, lutou penosamente para sobreviver em uma infinidade de serviços árduos. A mobilidade e instabilidade da vida do trabalhador do campo se espelham no interminável percurso de seu pai, e depois dele próprio, pelo interior. Já casado e com filhos, Silva construiu um rancho na beira de um córrego, onde “cortava de machado” para o proprietário das terras. Neste rancho, começou a fazer desenhos a lápis, terminando por forrar todas as paredes da casa com eles. Após novos trabalhos pesados, finalmente conseguiu fixar-se em São José do Rio Preto como garçom. É nesse momento que acontece a grande virada de sua vida. Em 1946, ele enviou “*Boizinhos*”, óleo pintado em flanela, com outros dois trabalhos para um concurso da Casa de Cultura de São José e ganhou o 1º prêmio. Nos anos 1950, ele já participava de Bienais de São Paulo e ganhou uma sala especial na Bienal de Veneza. Quarenta anos vividos no meio rural paulista deixaram forte marca na pintura de Silva. Predomina nela a paisagem, onde o homem aparece entregue às lidas do campo ou aos lazeres. Auto-retrato e retratos de sua gente próxima são também pontos altos de sua obra. Silva também foi compositor de música caipira e escreveu diversos livros. Em 1975 estabeleceu ateliê na cidade de São Paulo. Por ocasião dos seus 80 anos, já tendo sido homenageado por diversas prefeituras paulistas, o Museu de Arte Contemporânea da USP realizou retrospectiva de sua obra, que recebeu em 1990 o maior prêmio na categoria, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Representado pela Galeria Estação.

JOSÉ BEZERRA

1952, Buíque, PE

Vive e trabalha em Buíque, PE

Bezerra não esculpe de forma tradicional, atuando sobre um bloco de madeira de modo a alcançar uma forma definida. Procura ver uma figura que já se insinua no lenho – em geral, umburana, seu tronco, galhos e raízes – trazendo-a à tona com a intervenção rude de um facão, grosa, formão e serrote. Para o artista, trata-se de alcançar uma figura e simultaneamente manter seu vínculo com a madeira bruta de que partiu e com os instrumentos e gestos que nela agiram. Essa decisão confere a suas esculturas uma intensidade incomum. O artista trabalha em geral com toras retorcidas, típicas da vegetação do lugar, como é o caso da umburana. Esse aspecto irregular, unido aos poucos talhos que as conformam, produz um resultado notável. A definição oscilante das figuras se une à tortuosidade da madeira, e essa relação faz com que percebamos formas que parecem lutar para emergir, em meio ao embate entre a matéria vegetal e a intervenção escultórica rude e parcimoniosa. Vem daí a expressividade singular de suas obras. Seus bichos, corpos e rostos não têm a doçura de grande parte da chamada arte popular, feita de afeto e familiaridade com os materiais. Quando fala de sua arte, o artista enfatiza o papel da imaginação no que realiza. Assim, a importância que atribui ao ato de ver imagens em troncos e galhos que acha pelos arredores de seu sítio encontra na imaginação um elemento que afasta suas peças de um realismo singelo, de quem transpõe para as nuvens do céu os devaneios que lhe vão pela cabeça. Para Bezerra, ver significa abrir a matéria natural, a madeira, para possibilidades que a afastem de uma identidade preguiçosa consigo mesma, bem como de um uso apenas instrumental. A natureza que se depreende de suas obras tem uma vida intensa, uma energia inesgotável e atormentada. Representado pela Galeria Estação. (Fonte: Rodrigo Nunes. *Catálogo “José Bezerra | Esculturas”*)

KEILA SANKOFA

1985, Manaus, AM

Vive e trabalha em Manaus, AM

Artista visual e realizadora audiovisual que exerce a multidisciplinaridade em espaços institucionais, urbanos, além de festivais e mostras de cinema, reconhecendo as encruzilhadas das cidades, das telas e dos salões como territórios aptos para receberem outras narrativas pretas não contadas. Realiza instalações audiovisuais que exibem vídeo performances, fotos e filmes. Desenvolve pesquisas sobre memória utilizando a manipulação e a ficcionalização como um aparato laboratorial que recria imagéticas sobre pessoas racializadas, operando através das técnicas de fotoperformance, autorretrato e obras audiovisuais diversas. Indicada ao Prêmio PIPA 2021, Sankofa já participou de projetos e exposições como *NAVE Rock In Rio*, *40º Arte Pará (PA)*, *Um século de agora – Itaú Cultural (SP)*, *Mulheres que mudaram 200 anos – Caixa Cultural*, *Festival MUTEK (Argentina e Montreal)*. Também foi selecionada para o *32º Programa de Exposições* do Centro Cultural São Paulo e para o *International Film Festival Rotterdam*. Possui obras nos acervos da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA e Museu Nacional de Belas Artes. É gestora do Grupo *Picolé da Massa – DaVárzea das Artes*, e membro da APAN – Associação dxs Profissionais do Audiovisual Negro e Nacional Trovoa.

KIKA CARVALHO

1992, Vitória, ES, Brasil

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Graduada em Artes Visuais (Licenciatura) pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Sua prática artística em pintura se materializa em diferentes suportes, técnicas e escalas. Sua produção também é entrecruzada por algumas experiências, como a prática de pintura urbana e a arte educação; além da participação em programas de residências artísticas, como: *Angola AIR - Espaço Luanda Arte* (2022); *Outra Margem* (2021); *Vila Sul* - Instituto Goethe de Salvador (2020); e *Malungas* (2018), com a artista brasileira Rosana Paulino. Sua primeira exposição individual, *"Das promessas que a gente fez"*, foi realizada na Portas Vilaseca Galeria em 2022, com texto crítico de Marcelo Campos. Recentemente, a artista tem participado de importantes exposições coletivas no Brasil e no exterior, entre elas: *"Dos Brasis"*, Sesc Belenzinho, São Paulo, SP (2023); *"The Dance"*, Luce Gallery, Turim, Itália (2023); *"Um defeito de cor"*, Museu de Arte do Rio - MAR, Rio de Janeiro, RJ e Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira - MUNCAB, Salvador, BA (2022-2023), para a qual desenvolveu dois trabalhos comissionados; *"Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro"*, Inhotim, Brumadinho, MG (2022); *"Crônicas Cariocas"*, Museu de Arte do Rio - MAR, Rio de Janeiro, RJ (2021-2022); *"Outros Ensaios para o Tempo"*, Galeria Nara Roesler São Paulo, em parceria com a Portas Vilaseca Galeria (2021); *"Enciclopédia Negra"*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, SP (2021); *"Atenção Para o Refrão"*, Instituto Goethe, Salvador, BA (2020) e *"Foram os Homens e as Mulheres Negras que Construíram a Identidade Nacional – Vidas Negras do Brasil"*, Museu Afro Brasil, São Paulo, SP (2020). Suas obras já fazem parte de importantes coleções institucionais no Brasil e no exterior, entre elas: Pinacoteca do Estado de São Paulo; Inhotim; Banco do Nordeste, Inter-American Development Bank - IDB Art Collection, Washington DC (EUA) e Mucane - Museu Capixaba do Negro. A artista já foi indicada ao Prêmio Pipa em duas ocasiões, 2021 e 2023.

MAYRA KARVALHO

1997, Nova Iguaçu, Brasil

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Artista visual e pesquisadora contracolônia nascida no território da Baixada Fluminense. Seus trabalhos são voltados para a cosmovisão, ancestralidade e saberes de sua etnia. Utiliza diferentes materialidades como cerâmica, palhas, madeira e ferro em suas esculturas e instalações, expressando a conexão com a terra e as tradições. Além disso, através de suas pinturas e ilustrações, transparece sua ligação com os encantados e encantarias. Exposições coletivas recentes incluem: *ÂNDÉ aqui estávamos aqui estamos*, curadoria de Denilson Baniwa, Museu Histórico Nacional - RJ (2023); *Nature must go, you must stay*, el Recinto/ La Clínica - Oaxaca, Mexico, (2023); Série *"Para fazer em casa"*, Museu de Arte Moderna - MAM, Rio de Janeiro (2022), entre outras.

MULAMBÖ

1995, Saquarema, RJ

Vive e trabalha em Saquarema, RJ

Em sua prática artística, Mulambö utiliza símbolos e materiais do dia a dia na busca por uma re-fundação das narrativas que cercam as manifestações do povo. O futebol, o carnaval, a sua família e as histórias que construíram o chão onde vive emergem em suas obras, através de pinturas, objetos, bandeiras e instalações. Segundo o artista, a sua arte existe para afirmar que *'não tem museu no mundo como a casa da nossa vó'*. Exposições individuais recentes incluem: *"Punta de Lanza"*, Homesession, Barcelona, Espanha (2023); *"Out of many, muchos más"*, Das Schaufenster, Seattle, EUA (2021); *"Mulambö todo de ouro"*, Portas Vilaseca Galeria, Rio de Janeiro (2021); *"Tudo Nosso"*, MAR - Museu de Arte do Rio (2019); *"Prato de Pedreiro"*, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, RJ (2019). Exposições coletivas recentes incluem: *"Dos Brasis"*, Sesc Belenzinho, São Paulo (2023); *"Um defeito de cor"*, Museu de Arte do Rio - MAR e Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira - MUNCAB, Salvador, BA (2022-2023); *32º Programa de Exposições*, Centro Cultural São Paulo (2022); *"Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro"*, Inhotim, Brumadinho, MG (2022); *"SWEAT"*, Haus der Kunst, Munique, Alemanha (2021), entre outras. Seus trabalhos fazem parte de importantes coleções institucionais brasileiras, como: Museu de Arte do Rio - MAR; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Museu do Ingá (Niterói, RJ) e Inhotim (Brumadinho, MG).

PEDRO NEVES

1997, Imperatriz, MA

Vive e trabalha em Belo Horizonte, MG

A obra de Pedro Neves é materializada através da pintura em diferentes suportes e dimensões, fotografias analógicas e esculturas em cerâmica, combinando arte brasileira moderna e contemporânea, mosaicos bizantinos, arte pré-colombiana, youkais japoneses, objetos e máscaras de artes africanas. Em sua pesquisa, investiga a identidade brasileira e suas relações com o mundo exterior, com a colonização e as consequências deixadas por esse período na realidade social do país e no imaginário coletivo. É graduado em Estudos do Patrimônio Cultural e praticante de capoeira Angola. Sua primeira individual, *"Tripa"* - com texto crítico de Nathalia Grilo, aconteceu na Portas Vilaseca Galeria no início de 2022. Em 2023, após ser contemplado com o *3º Prêmio Décio Noviello de Artes Visuais*, Neves apresentou a mesma exposição em versão expandida no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, com curadoria de Amanda Carneiro. Mais recentemente, participou do Programa de Residências *Bolsa Pampulha*, uma das mais importantes e prestigiadas residências artísticas do Brasil. Exposições coletivas recentes incluem: *"Dos Brasis"*, Sesc Belenzinho, São Paulo, Brasil (2023); *"The Dance"*, Luce Gallery, Turim, Itália (2023); *"Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro"*, Inhotim, Brumadinho, MG, Brasil (2022); entre outras. As obras do artista fazem parte dos acervos institucionais da Museu Inimá de Paula, em Belo Horizonte (MG); e do Inhotim, em Brumadinho (MG).

SILVANA MENDES

1991, São Luís, MA, Brasil

Vive e trabalha em São Luís, MA, Brasil

Multitartista visual cuja prática se manifesta a partir de pesquisas sobre questões raciais, territórios e políticas de afirmação. Graduada em Artes pela Universidade Federal do Maranhão, trabalha com colagem, pintura, vídeo e fotografia na busca por novos significados para símbolos e narrativas visuais. Através de suas "afetocolagens", procura desconstruir as visualidades negativas e estereótipos impostos aos corpos negros no curso da história Afro-Atlântica. A artista também recorre ao muralismo e ao lambe como suportes para a disseminação daquilo que considera uma "didática artística descolonizadora", procurando debater os lugares de poder nas obras de arte, a elitização e o recorte social/racial dos movimentos artísticos. Exposições recentes incluem: *Something Else at the Citadel*, Egypt Art Biennale, Cairo, Egypt (2023); *Um defeito de cor*, Museu de Arte do Rio - MAR e Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira - MUNCAB, Salvador, BA (2022-2023); *Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os Brasileiros*, Instituto Moreira Salles – IMS, São Paulo, 2021-2022; *Raio a Raio*, Solar dos Abacaxis / Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio, 2022; *Vozes Contra o Racismo*, Secretaria de Cultura de São Paulo, 2020; e III Bienal do Sertão de Artes Visuais, Vitória da Conquista, BA, 2017.

SIMBA

1998, Rio de Janeiro, RJ

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Artista plástico e visual com foco em pinturas e desenhos. Nasceu no Morro do Tuiuti, no bairro carioca de São Cristóvão, e também morou na Baixada Fluminense e na zona oeste. Atualmente, vive na zona norte, no bairro da Tijuca. A sua pesquisa está centrada na religiosidade e nas festas populares, com uma forte influência familiar. Esta vivência pessoal, além da relação com a geografia que o cerca, imprimem às suas obras um tom de crônica sobre a vida no Rio de Janeiro. Os sentimentos e movimentos que esses cenários misturam, entre o morro e o asfalto, o sagrado e o profano, ou, em outros termos, entre tudo que atravessa os céus e os infernos da nossa existência, funcionam como caminhos para as suas criações.

ZÉ CARLOS GARCIA

1973, Aracaju, SE

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Estudou Escultura na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e também frequentou diversos cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, também no Rio de Janeiro. A sua prática artística parte da investigação do corpo como peça central - seja animal, humano ou escultural - e da experiência como ação voluntária que altera a paisagem, passando por constante mudança morfológica, também através da adição de novos elementos. O simbolismo dos discursos de poder que marcam a construção da história da humanidade também está presente na pesquisa do artista, que se dedica a criar a partir de corpos existentes, às vezes mortos, estáticos, encontrados, naturais ou artificiais, para gerar objetos - "seres" - sob o signo da escultura. Peças e fragmentos de móveis antigos associados a penas, plumas de carnaval e crinas de cavalo são organizados para criar híbridos com poder estético e alegórico. Exposições individuais mais recentes incluem: *Escultura cega*, texto crítico de José Augusto Ribeiro, Galeria Marília Razuk, São Paulo (2023); *Grande Circo Floresta*, curadoria de Claudio Oliveira, Portas Vilaseca Galeria, Rio de Janeiro (2021); *Torto*, curadoria de Paula Borghi, Cassia Bomeny Galeria, Rio de Janeiro (2018) e *Do pó ao pó*, curadoria de Isabel Portella, Galeria do Lago, Museu da República, Rio de Janeiro (2017). Exposições coletivas mais recentes incluem: *22ª Bienal Sesc_Videobrasil* - curadoria Raphael Fonseca e Renée Akitelek Mboya (Sesc 24 de maio, São Paulo, 2023-2024); *NISE – A Revolução pelo Afeto* - curadoria do Estúdio M'Baraká, com consultoria do psiquiatra Vítor Pordeus e do museólogo Eurípedes Júnior (Sesc Belenzinho, São Paulo, 2022; e Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2021); *Imagens que não se conformam* - curadoria de Marcelo Campos e Paulo Knauss (Museu de Arte do Rio - MAR, Rio de Janeiro, 2021); *Busan Biennale* (Busan, South Korea, 2018); *Cavalo come Rei* (Fondazione Prada, Milão, Itália, 2018 - em colaboração com a artista Laura Lima); *A Room and a Half* (Ujazdowski Castle Centre for Contemporary Art, Varsóvia, Polônia, 2017), entre outras. Recentemente, Garcia foi premiado na feira Arco, em Madrid, pelo conjunto de sua obra escultórica sustentável. Seus trabalhos fazem parte de importantes coleções institucionais no Brasil, entre elas: Fundação Marcos Amaro, Itu, SP; Museu de Arte do Rio - MAR, Rio de Janeiro, RJ; e Instituto Inhotim, Brumadinho, MG.



PORTAS
VILASECA
G A L E R I A

EWÊ | OMI

ADRIANO MACHADO ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA
ANA BEATRIZ ALMEIDA ANA BIA SILVA
ANA HUPE ANDRÉ VARGAS
AYRSON HERACLITO CHICO DA SILVA
GLAUCO RODRIGUES JOSÉ ADÁRIO
JOSÉ BEZERRA JOSÉ ANTONIO DA SILVA
KEILA SANKOFA KIKA CARVALHO
MAYRA KARVALHO MULAMBO
PEDRO NEVES SILVANA MENDES
SIMBA ZÉ CARLOS GARCIA

CURADORIA
CATARINA DUNCAN

23.11.23 — 19.01.24

© 2023 Portas Vilaseca Galeria

Jaime Portas Vilaseca

Fundador e Diretor

jaime@portasvilaseca.com.br

Frederico Pellachin

Diretor de Comunicação e Relações Institucionais

fredericopellachin@portasvilaseca.com.br

Clara Reis

Diretora de Vendas

clarareis@portasvilaseca.com.br

Ana Bia Silva

Assistente de Produção

anabiasilva@portasvilaseca.com.br

EWÊ | OMI

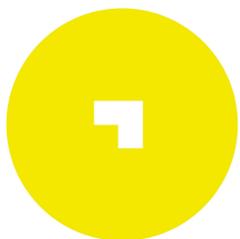
CURADORIA **Catarina Duncan**

MONTAGEM **Los Montadores**

ILUMINAÇÃO **Antonio Mendel**

FOTOS **Rafael Salim**

DESIGN GRÁFICO **Bia Machado**



PORTAS
VILASECA
G A L E R I A

Website: www.portasvilaseca.com.br
Facebook: www.facebook.com/portasvilaseca
Instagram: @portasvilaseca
Twitter: @portasvilaseca
Artsy: www.artsy.net/portas-vilaseca-galeria

+55 21 2274 5965
www.portasvilaseca.com.br
galeria@portasvilaseca.com.br

Rua Dona Mariana, 137 casa 2
Botafogo 22280-020
Rio de Janeiro RJ Brasil

